

## MOB-DIC: dicionário colaborativo multilíngue de mobilidade acadêmica da PUCRS

### MOB-DIC: PUCRS' multilingual collaborative dictionary of academic mobility

Lucas Meireles Tcacenco • Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil • lucasmtcacenco@msn.com

#### Resumen

Este trabalho apresenta uma proposta de dicionário colaborativo multilíngue de mobilidade acadêmica – MOB-DIC – da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. A referida instituição recebe semestralmente alunos de diversos países com variados níveis de proficiência em língua portuguesa. Nesse cenário, a obra pode auxiliá-los em sua adaptação na cidade. Para o desenvolvimento do MOB-DIC, as contribuições da Terminografia Didático-Pedagógica (TD-P), que resgata as contribuições da Linguística de Corpus, são empregadas. O *corpus* de textos em português inclui matérias disponibilizadas no website da PUCRS, e em jornais, tais como *Zero Hora* e *Diário Gaúcho*. As ferramentas AntConc e Sketch Engine, que auxiliam na extração e identificação de prováveis termos em um dado texto ou corpus são utilizadas. Quanto à macroestrutura, o dicionário será dividido em três domínios fundamentais: a) Terminologias da PUCRS; b) Terminologias de Porto Alegre e Rio Grande do Sul e c) Outros. Para a definição terminológica, serão utilizados os preceitos da Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT). A responsabilidade sobre a redação da definição terminológica e versão em outras línguas caberá a um linguista. Espera-se que a obra possa contribuir para a melhor adaptação do aluno internacional na PUCRS.

#### Palabras clave

Mobilidade acadêmica • Dicionário colaborativo  
• Terminografia didático-pedagógica •  
Internacionalização do ensino superior

#### Abstract

This article presents a proposal for a multilingual collaborative dictionary of academic mobility – MOB-DIC – of the Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS. Every semester, the university welcomes students from several countries with different proficiency levels in Portuguese. In this context, the dictionary can help them adapt to their new reality in Brazil. The contributions of Didactic-Pedagogical Terminography (TD-P), which draws insights from Corpus Linguistics, are employed. The corpus of texts in Portuguese includes articles available on the PUCRS website and in newspapers, such as *Zero Hora* and *Diário Gaúcho*. The tools AntConc and Sketch Engine, which help in the extraction and identification of probable terms in a given text or corpus, are used. Regarding the macrostructure, the dictionary will be divided into three fundamental domains: a) PUCRS terminologies; b) Porto Alegre and Rio Grande do Sul terminologies and c) Others. The insights of Textual and Terminological Accessibility (ATT) are used for writing the dictionary's entries. A linguist will be responsible for drafting the dictionary entries in several languages. We hope the dictionary will contribute to the adaptation of international students at PUCRS.

#### Keywords

Academic mobility • Collaborative dictionary •  
Didactic-pedagogical terminography •  
Internationalization of higher education

## 1. Introdução

A formação de profissionais com competências multiculturais e pensamento global desponta como uma premissa em que inúmeras instituições de ensino superior (doravante IES) mundo afora estão engajadas. Há a consciência de que o futuro profissional – independente da área – precisa estar habilitado para funcionar em um mundo onde as trocas são constantes, o fluxo de mobilidade<sup>1</sup> de pessoas é contínuo e o entendimento do outro como sendo um indivíduo atuante em um mundo cada vez mais globalizado, onde várias culturas e línguas interagem, é imperativo.

Assim sendo, muitos dos esforços dessas instituições têm se pautado em promover perspectivas que ampliem os entendimentos mencionados no parágrafo anterior. Desse modo, entra em cena o desafio de se internacionalizar o ensino superior. Para Knight (2008, p. 21), a internacionalização do ensino superior constitui-se em um «processo de integrar uma dimensão internacional, intercultural na proposta, funções ou entrega da educação superior.»<sup>2</sup> Essa dimensão se materializa em diversas esferas, tais como o currículo acadêmico e as atividades de cooperação interinstitucionais, e tem impacto tanto na estrutura docente como discente, assim como em todo o ecossistema de uma universidade.

Tomemos, por exemplo, o caso da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (doravante PUCRS). A instituição se ancora em um forte plano de internacionalização para ofertar a seus alunos, professores, pesquisadores e funcionários uma gama de possibilidades para que sejam expostos a outras realidades que promovam um ambiente ou atitude que facilite as trocas entre culturas e diferentes visões de mundo.

Esse plano é alicerçado por uma série de estratégias, das quais uma que será de especial interesse para este artigo se relaciona com os programas de mobilidade acadêmica. Tal estratégia será descrita com maiores detalhes, mais adiante.

Dentre as inúmeras ações previstas no âmbito dessa estratégia, inclui-se a oferta constante de disciplinas em língua estrangeira (principalmente, mas não exclusivamente o inglês). Assim, dentro de sala de aula, em um cenário de constante internacionalização em que alunos de diversas partes do mundo convivem, aprendem e trocam experiências, em algumas disciplinas, a língua portuguesa perderia espaço para outras. Tal fato pode ser atestado pelo investimento aportado, por variadas instituições, incluindo a PUCRS, nos treinamentos acadêmicos para professores na área de *EMI – English as a Medium of Instruction*. Conforme trazido por Dearden (2014, p. 2), *EMI* seria «o uso da língua inglesa para ministrar disciplinas acadêmicas em países e jurisdições onde a primeira língua da maioria da população não é o inglês.»<sup>3</sup>

Esses cursos despontam como uma valiosa fonte de insumo para o professor no que tange ao desenvolvimento de suas habilidades em ministrar uma disciplina em uma

---

<sup>1</sup> Entende-se *mobilidade*, nesta primeira acepção, como a faculdade de uma pessoa poder ir e vir aonde quiser.

<sup>2</sup> «The process of integrating an international, intercultural or global dimension into the purpose, functions or delivery of higher education» (Knight, 2008, p. 21)

<sup>3</sup> «The use of the English language to teach academic subjects in countries or jurisdictions where the first language (L1) of the majority of the population is not English» (Dearden, 2014, p. 2)

língua que não seja o português para que possam promover a internacionalização em sala de aula. Cabe mencionar que essas disciplinas ofertadas em línguas além do português são acessíveis tanto a alunos internacionais como alunos locais da instituição. Daí, a materialização do que se entende por *internationalization at home*<sup>4</sup>.

Posto dessa forma, depreendemos que o esforço de promover a internacionalização dentro de sala de aula e dentro do campus da própria instituição pode resultar em um cenário altamente favorável para a comunidade acadêmica e local. Entretanto, fora da sala de aula, o cenário a que um aluno internacional, cuja língua materna não é o português, será exposto é bem diferente. Em vista do contexto brasileiro em que a proficiência – ou, pelo menos, alguma competência – em língua inglesa (ou em outra língua adicional) é algo extremamente limitado por parte da população, vemos que algum domínio da língua portuguesa, por parte do aluno internacional, não apenas é benéfico, mas extremamente desejado. Por exemplo, em uma simples visita a uma agência da Polícia Federal, o (a) aluno (a) internacional poderá ser exposto a um nível de complexidade da linguagem bastante alto na comunicação com o pessoal que lá trabalha, independente dos serviços solicitados. Igualmente complexo seria se comunicar com um motorista de ônibus, pedir informações a transeuntes na rua – ou inclusive a policiais, uma vez que raras são as pessoas que detém algum conhecimento em línguas além do português.

Logo, vemos que a nossa crença de que, pelo menos o português básico para a sobrevivência seria uma condição a ser preenchida para quem quiser ter uma experiência satisfatória de internacionalização em âmbito acadêmico. Nessa mesma linha, os regionalismos que são típicos do Rio Grande do Sul despontam como outra dificuldade a ser vencida. Portanto, um insumo qualificado na língua seria de grande valia para o aluno internacional (ou pesquisador ou docente) em sua estadia no Rio Grande do Sul, mesmo àquele que já tenha algum conhecimento na língua portuguesa.

Assim, de modo a facilitar a adaptação do aluno internacional na PUCRS, apresentamos neste artigo um protótipo de um dicionário colaborativo multilíngue de mobilidade acadêmica da PUCRS. O protótipo inclui itens lexicais que acreditamos ser extremamente úteis para o referido aluno dentro da universidade, tais como *RU (Restaurante Universitário)* e *carteirinha de estudante*. Da mesma forma, inclui termos da cultura local (lê-se local como Porto Alegre e Rio Grande do Sul), tais como *xis* e *brigadiano*. Por fim, inclui palavras de categorias que não são exclusivamente de um nem de outro, estando classificadas como *Outros*, tais como *comprovante de residência*.

Na seção a seguir, discorreremos sobre a internacionalização na PUCRS e seus programas de mobilidade.

---

<sup>4</sup> Robson (2017) argumenta que *internationalization at home* (internacionalização em casa) constitui um conjunto de processos e práticas desenvolvidas de modo a fortalecer as experiências internacionais e interculturais em um campus universitário. Uma vez que os programas de mobilidade acadêmica podem estar fora do alcance da maioria dos alunos, oportunizar essas perspectivas ‘em casa’ poderia, em alguma medida, compensar pelos intercâmbios não realizados fora do país. A autora ainda ressalta que a *internationalization at home* não se limita a programas de mobilidade acadêmica apenas, já que os componentes internacionais e interculturais são desenvolvidos dentro do currículo, exigindo assim, esforços do corpo docente, assim como dos *stakeholders* das instituições para que oportunizem experiências de internacionalização para seus colaboradores.

## 2. Internacionalização na PUCRS e seus programas de mobilidade acadêmica

Conforme trazido em seu Plano Institucional de Internacionalização 2018-2022, a Internacionalização da PUCRS

tem por pressuposto o comprometimento com o desenvolvimento científico, social, econômico, ambiental e cultural de cidadãos brasileiros e estrangeiros. Trata-se de um processo contínuo e sistemático de ações que visa a contribuir para a excelência acadêmica, tendo por base o ensino, a pesquisa e extensão de qualidade, e a relevância da inovação. A internacionalização deve permear as diversas atividades acadêmico-profissionais, possibilitando o compartilhamento de saberes sob uma perspectiva global, intercultural e interdisciplinar (2018, p. 3).

A instituição elenca uma série de estratégias que visam à promoção de um ambiente internacionalizado e uma cultura de inovação em seu campus. Dentre essas estratégias, uma a que daremos especial destaque é a que versa sobre mobilidade acadêmica. Assim, tem-se, conforme trazido no Plano Institucional de Internacionalização, a Estratégia 3:

Ampliação do número de discentes internacionais na PUCRS, via oportunidades de mobilidade acadêmica internacional, bem como captação de discentes provenientes de diversas partes do mundo, em cursos plenos, tanto de graduação, pós-graduação, como no ecossistema de inovação, envolvendo as empresas parceiras, nacionais e internacionais (2018, p. 12).

Esses programas de mobilidade acadêmica permitem que alunos da PUCRS frequentem uma universidade parceira no exterior por um período pré-estabelecido, que pode ir de alguns meses até dois semestres e tenham seus créditos revalidados quando da sua volta. Da mesma forma, permitem que alunos de instituições parceiras em outros países frequentem a PUCRS pelo mesmo período de tempo e também tenham seus créditos revalidados após retorno à sua terra natal. O grande diferencial desses programas é a possibilidade de se incluir na formação desses alunos o componente internacional antes mencionado, permitindo a eles que tenham contato com outras culturas, desenvolvam fluência em línguas adicionais e estejam aptos para enfrentar um mundo em que cada vez mais terão que mostrar suas habilidades interculturais e intercomunicacionais.

A título de ilustração, conforme dados do Escritório de Cooperação Internacional da PUCRS, a instituição recebe a cada semestre, em média 45 alunos de graduação, incluindo os que fazem internato na Escola de Medicina, de variadas nacionalidades para programas de mobilidade acadêmica. Dentre os países de origem com maior número de estudantes, estão Chile, México, Colômbia, França, Portugal, Bolívia, Suécia, Alemanha, França, Reino Unido e Coreia do Sul. Além disso, há alunos de outros países matriculados em programas de graduação plena, através do Programa PEC-G<sup>5</sup>, de países como Benin,

---

<sup>5</sup> O PEC-G (Programa de Estudantes-Convênio de Graduação) é um programa do Ministério das Relações Exteriores do Brasil que oferece oportunidades de graduação para estudantes de países em

Colômbia e Congo. O número de alunos oriundos desses programas é mais baixo do que o número de alunos de mobilidade.

De modo similar, a cada ano, a instituição envia aproximadamente 80 de seus alunos de graduação para que possam desfrutar de uma experiência acadêmica de internacionalização em variados países.

Na pós-graduação, incluem-se, além dos alunos que vêm de instituições de outros países, os alunos que fazem mobilidade dentro do Brasil. A maioria desses alunos se matricula em programas de doutorado sanduíche. Conforme relatório disponibilizado pela PROPESQ (Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação) no início de 2020, o número de alunos internacionais devidamente matriculados nos cursos era relativamente baixo: 3, sendo 1 de Portugal.

A PUCRS dispõe de uma pletora de possibilidades para facilitar a adaptação dos alunos internacionais em solo gaúcho. Dentre essas, tem-se as atividades de integração e os cursos regulares de português como língua adicional, assim como um curso chamado de *Portuguese for International Students* (Português para Alunos Internacionais). Este último tem duração de duas semanas e inclui, além das atividades em sala de aula, outras atividades práticas, tais como visitas ao Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS, passeios no Lago Guaíba, entre outros. Embora o curso seja uma preparação para a vida em Porto Alegre e o setor de Mobilidade Acadêmica esteja prontamente disponível para auxiliar esses alunos em suas demandas, inclusive através da implementação de um Buddy Program<sup>6</sup>, muitos aspectos da vida local não são cobertos no curso de duas semanas, já que muitas das dificuldades próprias de cada aluno aparecem no dia-a-dia.

Visto isso, acreditamos que um dicionário específico para alunos internacionais em programas de mobilidade acadêmica viria a contribuir para a melhor adaptação desse pessoal em solo gaúcho. Apesar de o protótipo de dicionário apresentado neste trabalho ser mais fortemente direcionado a alunos internacionais, cabe mencionar que poderá ser usufruído por variadas audiências, tais como professores e pesquisadores de outros países.

O referido Plano Institucional de Internacionalização elenca outras estratégias que podem consolidar o campus como um ambiente internacional que abriga acadêmicos de variadas nacionalidades. São elas: «Estratégia 1: Estabelecimento do marco legal de internacionalização na Universidade, envolvendo a priorização do tema (...) e o alinhamento com as políticas nacionais e internacionais vigentes»; «Estratégia 2: Desenvolvimento de uma cultura global, de classe mundial, que pense a internacionalização de todas as formas (...), criando um conceito de Campus Internacional da PUCRS em Porto Alegre (2018, p. 12)»; «Estratégia 4: Ampliação e consolidação da cooperação internacional nas áreas de pesquisa e inovação, atraindo pesquisadores internacionais para atuação em projetos de pesquisa e inovação nas

---

desenvolvimento com bolsa integral de estudos. Dentre os requisitos, esse aluno precisa comprovar ter recursos financeiros limitados para arcar com os seus estudos.

<sup>6</sup> O Buddy Program ou Programa Amigo Universitário é um programa da PUCRS desenvolvido para facilitar a adaptação de alunos internacionais em Porto Alegre. Foi pensado inicialmente para alunos da graduação. No programa, a cada aluno internacional é atribuído um *parceiro*, geralmente um aluno da instituição. Dentre as atribuições dos participantes inclui apresentá-los a lugares em Porto Alegre, falar sobre questões culturais e apoiá-los durante sua estadia na cidade.



Escolas da PUCRS e no TECNOPUC (2018, p. 13)» e «Estratégia 5: Desenvolvimento de cursos, de graduação e pós-graduação, em parcerias transnacionais envolvendo dupla-titulação e cursos conjuntos com Universidades de alto padrão acadêmico (2018, p. 14)».

Na seção a seguir, trataremos da fundamentação teórica da produção de nossa obra lexicográfica, resgatando as contribuições da Terminografia Didático-Pedagógica (T-DP).

### 3. Terminografia didático-pedagógica – TD-P

Falar da produção e descrição de um dicionário requer, antes de tudo, que se estabeleçam algumas distinções entre dois conceitos que parecem nutrir muitas semelhanças: Lexicografia e Terminografia.

Posto de maneira simplista, a Terminografia, conforme trazido por Bevilacqua e Finatto (2006) é a aplicação prática da Terminologia, ocupando-se de descrever os termos e dar-lhes vida em obras terminográficas, que incluem os glossários. Seu espectro de atuação é bastante recortado e restrito a uma determinada área. Por outro lado, a Lexicografia se ocupa da descrição dos itens do léxico geral e produção das obras lexicográficas, que incluem os dicionários, em seus mais variados tipos.

Em que pesem os outros pontos de confluência e divergência entre as duas disciplinas, os quais não nos aprofundaremos neste breve estudo, o fato de estarmos desenvolvendo uma obra que apresenta um recorte específico de uma língua com vistas às necessidades de um determinado grupo de usuários – os alunos internacionais de mobilidade acadêmica – classificaria a nossa obra como uma obra terminográfica. Entretanto, por estarmos lidando com o léxico de uso geral de uma comunidade específica em vista de um grupo específico de usuários, temos que o termo *dicionário* vai mais ao encontro de nossa proposta, se comparado ao termo *glossário*. Assim, denominaremos o produto de nosso estudo de *dicionário*.

Em um segundo momento, de modo similar, a produção e descrição de obras tanto lexicográficas como terminográficas ficam melhor sustentadas com o apoio de alguma corrente ou teoria para embasar o trabalho. Logo, pensamos que uma perspectiva que pode ser bastante útil em nosso trabalho é a Terminologia Didático-Pedagógica – TD-P (Fadanelli, 2017), mesmo que o nosso produto final seja um dicionário.

Conforme a autora, a TD-P é uma metodologia que é norteadada por aspectos educativos, mas que se utiliza de recursos de variadas vertentes, a saber: a) a Linguística de *Corpus* para revelar padrões linguísticos constantes em textos relevantes para as necessidades do usuário; e b) Terminologia de perspectiva textual e Terminologia Sócio-Cognitiva. Em termos práticos, a autora sustenta que o propósito dessa metodologia é servir como fundamentação para o planejamento e *design* de materiais para auxiliar o professor de ESP (*English for Specific Purposes*) – Inglês para Objetivos Específicos, assim como para seus alunos no aprendizado dos termos. No entanto, conforme veremos ao longo desse artigo, essa metodologia pode ser tentacular, podendo ser aplicada em outros contextos.

Por um lado, Fadanelli argumenta que a «Terminologia de perspectiva textual fornece a base da importância da utilização de textos e da consideração de todas suas características relevantes para a montagem da ferramenta/material de apoio (2017,

p. 79)», uma vez que considera que vários elementos têm importância, não somente as terminologias. Por outro lado, sustenta (2017, p. 79) que «a Terminologia Sócio-Cognitiva aponta-nos para a necessidade de uma metodologia que leve em conta os termos determinados e conforme concebidos pelos próprios aprendizes, que levarão aos conceitos existentes na ferramenta/material (2017, p. 79)».

Fadanelli (2017) elenca uma série de passos que são intrínsecos à Terminografia Didático-Pedagógica. Esses mesmos passos foram desenvolvidos em seu trabalho com aprendizes de ESP para auxiliar os alunos a aprimorar a leitura. Para o MOB-DIC, adaptamos os sete passos, que são apresentados a seguir:

1) Observação e determinação das necessidades apresentadas pelos aprendizes que necessitem melhorar sua habilidade com a língua portuguesa para a sua melhor adaptação no país de destino. Nessa fase, determinam-se as necessidades linguísticas dos alunos. No nosso contexto, essa análise pode ser conduzida pela equipe de mobilidade acadêmica. A referida equipe teria condições de avaliar a realidade dos alunos em vista de seus hábitos e práticas dentro e fora do campus universitário, uma vez que reuniões periódicas, atividades práticas e passeios são oferecidos regularmente. Essas atividades possibilitam que a equipe de mobilidade acadêmica tenha contato mais direto com os alunos internacionais.

2) Situar o campo a ser estudado com a construção de uma árvore de domínio. De acordo com Fadanelli, a árvore de domínio seria como «o conjunto da rede de conceitos e noções que situam mais exatamente o campo a ser estudado (2017, p. 86).» Sua utilidade se justifica pelo fato de possibilitar ao pesquisador entender a hierarquia de conceitos em determinada área e, assim, auxiliá-lo no reconhecimento dos termos. No caso mais específico da TD-P, ela «tem a função de ajudar a determinar quais os textos de quais áreas o pesquisador pode usar na coleta de dados, além de auxiliar na confecção de contextos definitórios (2017, p. 86).»

3) Selecionar os gêneros de textos relevantes para a área do conhecimento em questão. Uma vez definida a rede de conceitos que será utilizada na produção da obra, o próximo passo é selecionar os gêneros textuais relevantes para levar a cabo a empreitada. Sabendo-se que conceitos serão trabalhados, cabe ao pesquisador/dicionarista procurar textos onde esses termos possam ser encontrados, em seu habitat natural. Assim, tanto o dicionarista quanto os membros da equipe de mobilidade acadêmica, na condição de especialistas da área, se encarregariam da seleção dos textos, delimitando os parâmetros conforme as necessidades dos usuários.

4) Coletar dados dos textos-alvo. Uma abordagem teórica que nos pode ser bastante útil para estudar os fenômenos que constituem a língua é a Linguística de *Corpus* (doravante LC). A mesma também pode ser concebida como um conjunto de práticas e de recursos que tentam dar conta de descrever a língua em uso. Em vista de seus princípios teóricos serem muito pertinentes, utilizaremos neste trabalho uma série de recursos e técnicas descritivas da LC, tais como ferramentas e as ideias de *corpus* de estudo e *corpus* de referência (Berber Sardinha, 2004).

Para o *corpus* de estudo, selecionaremos diversas matérias apresentadas em jornais, tais como o *Diário Gaúcho* e a *Zero Hora*. Nossa escolha por esses jornais se dá pelo fato de que, por serem locais, apresentam termos e itens culturais que são típicos de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Também incluiremos diversas matérias

publicadas no *website* da PUCRS (<http://www.pucrs.br/>), em português, além do jornal o Sul, notícias em portais como o ClicRBS ([www.clicrbs.com.br](http://www.clicrbs.com.br)), que incluem o jornal *Diário Gaúcho*, entre outras fontes.

Por fim, como *corpus* de referência, faremos uso do Corpus do Português Brasileiro do Professor Tony Berber-Sardinha. O referido *corpus* consiste em mais de 1 bilhão de palavras, extraídas de textos dos mais variados gêneros e fontes.

Nesse sentido, é imprescindível o uso de ferramentas computacionais para identificação e extração de itens lexicais e terminologias. Primeiramente, copiaremos e processaremos o *corpus* com a ferramenta *Antconc*. Trata-se de um software online amplamente utilizado por especialistas da Terminologia e Lexicologia que auxilia na extração de palavras, linhas de concordância e lista de colocações de modo a possibilitar o estudo do comportamento de itens lexicais em um determinado texto. Assim, o *Antconc* auxilia na identificação das prováveis terminologias, além de fazer uma contagem das palavras de um *corpus*. Suas aplicações permitem, entre outras coisas, dividir as listas de palavras produzidas em monoléxicas e poliléxicas – ferramenta *N-grams*. Visto que aparentemente muitos dos que consideramos candidatos a termos no *corpus* podem ser formados de unidades nominais com duas ou três unidades lexicais, para aferimento de um universo maior de itens lexicais, optaremos pela contagem de trigramas.

Outra ferramenta que também pode nos auxiliar é o Sketch Engine (SE). Diferentemente do AntConc, o SE auxilia na extração e identificação de prováveis termos empregados em um dado texto ou corpus a partir de comparações (*corpus* de estudo vs. *corpus* de referência). A comparação do nosso *corpus* com outros *corpora* nos ajuda a observar o comportamento dos termos em meio a outros ambientes.

5) Coletar dados com alunos das áreas envolvidas. Uma vez que o dicionário será desenvolvido para suprir lacunas de conhecimento em determinado grupo de indivíduos, faz-se mister sondar e analisar as necessidades das partes envolvidas. Assim, aos alunos internacionais será pedido que compilem uma lista com alguns termos e itens lexicais que acreditam ser de “difícil” entendimento, em três momentos diferentes no semestre: imediatamente após a primeira semana de estadia em Porto Alegre; imediatamente após o primeiro mês e imediatamente após o terceiro mês. Acreditamos que em cada um desses três momentos, os alunos terão diferentes níveis de proficiência e competência em língua portuguesa. Logo, as necessidades e dificuldades de um aluno poderão servir de parâmetro para as necessidades e dificuldades de outro. Sugerimos que cada listagem comporte, no máximo, 20 itens, pois uma listagem maior poderia sobrecarregar os alunos. Então, ao longo de um semestre, cada aluno teria compilado 60 termos, que poderão constar no MOB-DIC.

6) Comparar todos os dados conforme dúvidas coletadas na fase de observação. Embora, conforme trazido por Fadanelli (2017), o texto e o aluno configuram-se como elementos de natureza totalmente diferentes, contrastar a informação fornecida pelos alunos e as informações apresentadas nos textos faz-se uma necessidade. Essa comparação possibilitaria ao pesquisador um parâmetro mais concreto na elaboração de sua obra, uma vez que poderia omitir itens desnecessários e acrescentar itens relevantes. Assim, Fadanelli (2017) recomenda que se verifique se os termos



apresentados nas listagens conferem com aqueles resultantes da fase de extração, em que se utilizaram ferramentas de extração de termos.

7) Desenhar a ferramenta/ material de apoio de acordo com critérios estabelecidos durante a comparação. Essa, na visão de Fadanelli (2017) seria a fase mais trabalhosa. Entretanto, com o aporte dos conhecimentos da LC, da Teoria Socio-Cognitiva da Terminologia e das Perspectivas Textuais da Terminologia, o desenvolvedor estaria melhor preparado para produzir a obra. A pesquisadora também acrescenta que esse processo será mais qualificado quando do engajamento de profissionais atuantes na área especializada em questão. No nosso caso, seriam o lexicógrafo e os membros da equipe de mobilidade acadêmica.

Na seção a seguir, apresentamos a macroestrutura e microestrutura do MOB-DIC, além de algumas considerações acerca de dicionários colaborativos online.

#### **4. Da elaboração do MOB-DIC na prática**

Antes de apresentarmos o esqueleto do nosso MOB-DIC, acreditamos ser de grande relevância discorrer sobre alguns aspectos da produção de obras terminográficas / lexicográficas da TD-P: a macroestrutura, a microestrutura, a definição terminológica, além de algumas considerações sobre os dicionários colaborativos e árvores de domínio.

##### **4.1. Da macroestrutura e microestrutura do MOB-DIC**

Dois, entre muitos aspectos que são de extrema importância para o dicionarista, em meio à produção de sua obra lexicográfica, são macro e microestrutura de um dicionário.

Posto de maneira simples, a macroestrutura diz respeito ao ordenamento dos lemas do dicionário (Farias, 2009). Para o MOB-DIC, optamos por um *design* mais enxuto, uma vez que o propósito do material é facilitar o acesso às entradas dos verbetes para o consulente. Assim, nossa prática se espelhará nas recomendações de Haensch (1982), que preconiza que a ordem alfabética das entradas é o item mais importante a ser considerado na obra terminográfica / lexicográfica. Assim, teremos uma estrutura lisa com progressão alfabética.

Uma vez que o contexto regional de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul, assim como o ecossistema da PUCRS, possuem vocabulários ricos, lematizaremos nomes próprios, e apresentaremos os substantivos e adjetivos na forma masculina mesmo quando têm equivalente na forma feminina. Não lematizaremos os substantivos e adjetivos na forma plural, apenas no singular.

No que tange à microestrutura, isto é, o conjunto de informações (e também de instruções) relativas a um verbete, que são postas de maneira ordenada (Farias, 2006; Haensch 1982; Hartmann 2001; Landau 2001), Wiegand (1989) formalmente as dividem em duas categorias:

a) comentário de forma: segmento que reproduz informações acerca da “forma” do verbete-entrada, tais como ortografia, divisão silábica, classe gramatical, formas com número e gênero irregulares, transcrição fonética, etimologia, entre outros;

b) comentário semântico: segmento que reproduz informações acerca do significado do verbete-entrada, ou seja, a definição, e pode incluir exemplos, além de sinônimos.

A essas duas categorias, soma-se uma terceira trazida por Bugueño Miranda (2004). O autor sustenta que os segmentos informativos de etimologia do verbete deveriam ocupar um lugar menos marginal nos dicionários. Em seu entendimento, apesar de o tratamento dado à etimologia em uma obra lexicográfica ser historicamente voltado à explicação do item em vista do significante, considerando-se assim, uma parte do comentário de forma, esse tratamento pode ser considerado insuficiente, pois informa muito pouco a respeito das mudanças de significado dos verbetes ao longo do tempo. Em sua visão, o tratamento da etimologia em dicionários gerais poderia ser melhor qualificado se os estudiosos desvencilhassem a etimologia do comentário semântico. Assim, temos:

c) comentário etimológico: segmento que predica o movimento da evolução de uma língua. Deve ocupar-se de informar a origem da palavra, assim como as mudanças de significado – produtividade semântica, expansões morfológicas – produtividade morfológica e sua idade.

Optamos por não incluir as transcrições fonéticas dos verbetes, pois acreditamos que essas informações não são relevantes para um aluno internacional. Em compensação, ao clicar no símbolo de autofalante (ver abaixo), é apresentada a pronúncia da palavra. Da mesma forma, omitiremos as informações concernentes à divisão silábica. Por fim, quando da existência de remissivas no comentário semântico, eles serão marcados em negrito e, ao clicar-se nele, o usuário será redirecionado ao verbete com sua definição.

Uma das premissas que devem nortear obras embasadas na TD-P, conforme Fadanelli (2017) é a inclusão de exercícios para que os alunos possam colocar em prática o conhecimento aprendido e exercitar os termos em seu contexto de uso. Para o nosso MOB-DIC, contudo, não temos a intenção de produzir exercícios, uma vez que tem a premissa de ser utilizado apenas como referência em contextos fora da sala de aula. Nosso posicionamento em omitir as atividades práticas poderia suscitar críticas à nossa abordagem, inclusive a ponto de rotular nossa fundamentação teórica de uma versão desossada da TD-P. Vemos que críticas dessa ordem seriam infundadas, uma vez que a grande maioria dos preceitos originais da TD-P são seguidos, restando a nós adequar a metodologia a cada contexto.

Outrossim, Fadanelli (2017) acrescenta que o produtor de obras com base na TD-P pode dispor de uma certa liberdade na produção da obra, uma vez que uma condição *sine qua non* seja preenchida: há de se haver o cruzamento entre os dados dos textos sob análise e as necessidades dos alunos. Desse modo, preconiza que, em se tratando de uma obra com fins pedagógicos, definições terminológicas com caráter enciclopédico iriam ao encontro das necessidades do consulente. Dessa maneira, contextualizamos o termo, fugindo das definições consistentes de apenas um sinônimo, algo que é condenado pela Terminologia e pela Terminografia, conforme Krieger e Finatto (2004).

Entretanto, apesar de enxuto, o programa de informações microestruturais do MOB-DIC deve comportar alguns itens que são inerentes a dicionários de língua, tais

como a ortografia do verbete em português, assim como pronúncia, uso – através de exemplos –, definição e etimologia.

#### **4.2. Da definição terminológica e dicionários colaborativos**

Uma estratégia que acreditamos ser bastante frutífera na definição dos verbetes é a Acessibilidade Textual e Terminológica (ATT). Segundo Finatto et al (2016, p. 66) seria «uma condição do texto que o tornasse compreensível também por leitores com algum tipo de limitação, como o seu nível de escolaridade, por exemplo.» Ora, em se tratando de estudantes universitários, é possível que o nível de escolaridade não seja um impedimento na compreensão dos termos, mas o fato de serem usuários da língua portuguesa como língua adicional, em variados níveis de proficiência, pode, de fato, apresentar-se como uma limitação. Mesmo que o MOB-DIC seja um dicionário multilíngue e apresente, além das definições em outras línguas, imagens dos termos a que se referem, vemos que a ATT pode, ainda, auxiliar no desenvolvimento das habilidades linguísticas dos alunos.

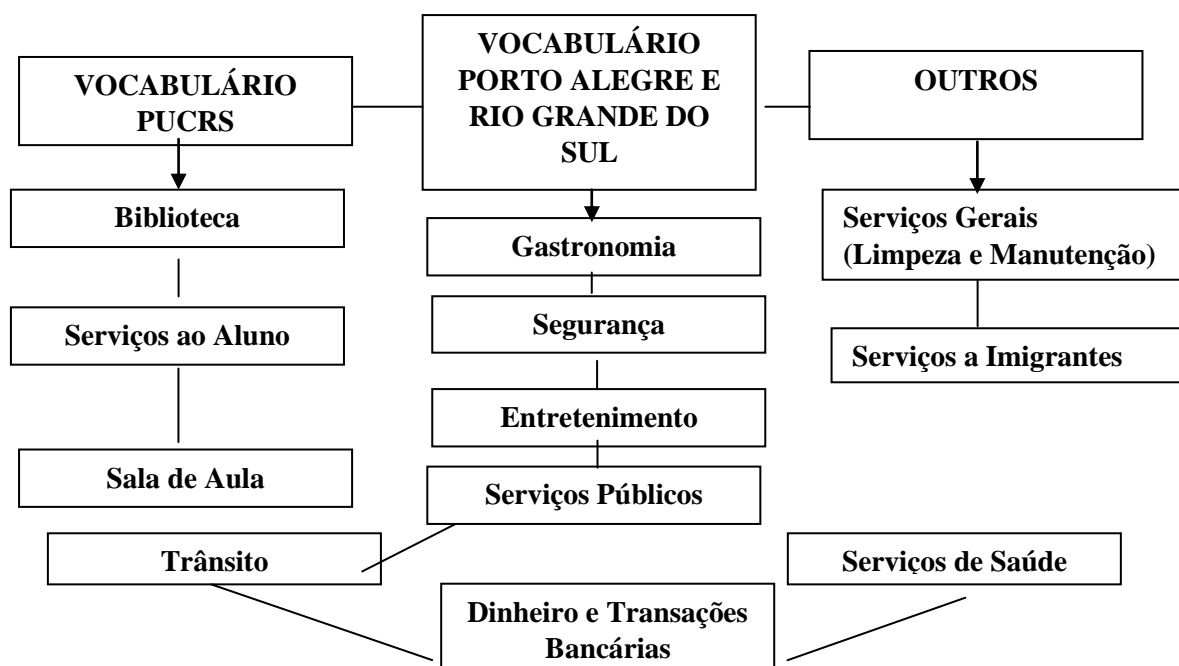
Vistos todos esses aspectos, é nítido que o MOB-DIC foi pensado em atender as diferentes necessidades do usuário. Além disso, o fato de o usuário poder contribuir para a elaboração e inclusão dos termos constantes na obra, confere ao estudante um papel de protagonista de seu próprio conhecimento. Conforme trazido por Evers et al (2013, p. 1)

tais obras colaborativas possuem inovações valiosas, como a capacidade de engajar usuários na escolha de entradas e na elaboração e validação de verbetes. Em contextos colaborativos, usuários são transformados em autores, o que muda o paradigma de uso dicionarístico, tornando objetos que anteriormente serviam apenas para consulta em acervos de língua co-construídos.

Obviamente, em se tratando de definições terminológicas que se pautam pela ATT, o olhar de um especialista da área da Linguística é imprescindível, em meio ao trabalho conjunto de diferentes atores em prol da melhor adaptação dos alunos internacionais.

#### **4.3. Árvore de domínio**

Para a produção de dicionários de áreas específicas, faz-se necessário, por parte do dicionarista, delimitar a área temática que a obra dicionarística abrange. Assim, uma árvore de domínio, em nosso entendimento, daria conta de estabelecer os limites de especialidade pretendidos. Conforme trazido por Fadanelli (2017), uma árvore de domínio é «um esquema que, em Terminologia, visa representar a interrelação dos conceitos/termos de uma dada área de conhecimento (2017, p. 103).» Ainda segundo a autora, «as árvores serão sempre uma visão, parcial e relativa, sobre como um dado campo de conhecimento se estrutura, de modo que estarão também sujeitas a diferentes apresentações (p. 103).» Na nossa árvore de domínio, escolhemos trabalhar com as áreas: Vocabulário PUCRS, Vocabulário de Porto Alegre e Rio Grande do Sul e Outros. Assim, temos o seguinte diagrama, na Figura 1:



**Figura 1** – Árvore de domínio do MOB-DIC

No domínio Vocabulário PUCRS, temos os subdomínios Biblioteca, Serviços ao Aluno e Sala de Aula. No subdomínio Vocabulário Porto Alegre e Rio Grande do Sul, temos os subdomínios Gastronomia, Segurança, Entretenimento, Serviços Públicos, Trânsito, Dinheiro e Transações Bancárias e Serviços de Saúde. No domínio Outros, temos Serviços Gerais (Limpeza e Manutenção) e Serviços a Imigrantes. Cabe mencionar que esses domínios podem ser expandidos de modo a incluir novos subdomínios.

Desse modo, apresentamos na subseção a seguir um modelo de entrada com definição terminológica e imagens para o MOB-DIC.

#### **4.4. Protótipo de entrada de verbete no MOB-DIC**

Apresentamos, nesta seção, um modelo de apresentação de verbetes no MOB-DIC. O dicionário, em um cenário ideal, seria disponibilizado *online*, na página da Mobilidade Acadêmica no *website* da PUCRS (<http://www.pucrs.br/internacional/mobilidade-academica/>).

Conforme a segmentação em três diferentes domínios, ao acessar o domínio Vocabulário PUCRS, o aluno poderá se deparar com, por exemplo, o termo *autoempréstimo*, que é específico da Biblioteca Central da instituição e de sistemas de empréstimo de determinados itens através de máquinas. É possível que ele (a) não encontre esse termo em outras bibliotecas na cidade de Porto Alegre ou no Rio Grande do Sul.

#### 4.4.1. Vocabulário PUCRS

Em visita ao site institucional da Biblioteca Irmão José Otão da PUCRS, na guia *Sobre a Biblioteca*, nos deparamos com o texto a seguir, repleto de terminologias intrínsecas à universidade. Veja no Quadro 1, abaixo:

***Autoatendimento***

*O serviço de circulação do acervo é agilizado através da disponibilização de sistemas de autoatendimento.*


*Os **equipamentos de autoempréstimo** possibilitam ao próprio usuário realizar seu empréstimo, emitem o recibo da operação efetuada e liberam a obra para passar pelo sistema de segurança.*

**Quadro 1** – Trecho de texto retirado do website da PUCRS  
(Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão, da PUCRS)<sup>7</sup>

Esse seria um potencial termo a ser incluído no MOB-DIC, já que um sistema de autoatendimento em bibliotecas, que inclui o *autoempréstimo*, pode não ser comum em determinados países. Assim, no Quadro 2, temos o seguinte modelo de entrada do verbete *autoempréstimo*, com sua respectiva definição, imagem, versão em inglês e exemplo de contexto de uso, no MOB-DIC:

<sup>7</sup> <https://biblioteca.pucrs.br/conheca-a-biblioteca/sobre-a-biblioteca/>.



**Autoempréstimo** – substantivo masculino, singular. 

Na Biblioteca Central da PUCRS, você pode retirar um livro utilizando um equipamento sem precisar entrar em filas. Você vai até a estante onde está o livro e depois vai até a uma máquina para poder retirá-lo. Você passa o seu **cartão de aluno**, escaneia o código de barras do livro e a máquina emite um recibo com a data que você tem que devolver o livro. Essa máquina, é a máquina de autoempréstimo.



Figura 2 – Autoempréstimo

**Versão em Inglês:**

**Self-checkout system**

At the Main Library of PUCRS, you can check out a book using a specific machine. You can pick out the book from the shelf and go to a machine to check it out. You will swipe your **student ID card**, scan the barcode of the item you are checking out and the machine will spit out a receipt containing the date the book should be returned. This machine allows you to save the time you would spend in lines.

**Exemplo de uso em português:**

Os equipamentos de autoempréstimo possibilitam ao próprio usuário realizar seu empréstimo, emitem o recibo da operação efetuada e liberam a obra para passar pelo sistema de segurança.

**Quadro 2** – Exemplo de entrada de verbete no âmbito do domínio *Terminologias da PUCRS* em português e sua versão em inglês no MOB-DIC

(Fonte: Biblioteca Central Irmão José Otão, da PUCRS<sup>8</sup> e o autor)

Na definição terminológica em português, também aparece um item em negrito: **cartão de aluno**. Essa marcação indicaria uma remissiva. Assim, ao clicar na palavra, o usuário seria direcionado àquele verbete.

Como o MOB-DIC é um dicionário multilíngue, os verbetes são apresentados em português (língua original), acompanhados das respectivas versões em inglês, espanhol, francês, coreano, entre outras línguas. No exemplo acima, apresentamos, a título de exemplo, a versão inglesa da definição de *autoempréstimo* – *self-checkout system*. Optamos por não incluir as versões nas outras línguas para não tornar este artigo exaustivo.

<sup>8</sup> <https://biblioteca.pucrs.br/conheca-a-biblioteca/sobre-a-biblioteca/>.

No caso do inglês, uma língua em que muitas palavras não são nem masculinas nem femininas, as informações sobre gênero são omitidas, assim como as de número – singular e plural. Da mesma forma, omitimos também duas outras informações que constam na definição do verbete original: a) a indicação de pronúncia, uma vez que pode não ser tão relevante para o aluno internacional saber da pronúncia do verbete em sua própria língua materna ou em outras línguas adicionais além do português; e b) um trecho de um texto apresentando o verbete em contexto de uso na língua portuguesa apenas.

#### 4.4.2. Vocabulário de Porto Alegre e Rio Grande do Sul


Para ilustrar um verbete pertencente ao domínio Vocabulário de Porto Alegre e Rio Grande do Sul, analisamos uma matéria veiculada na página do jornal *Diário Gaúcho*, no dia 17/06/2011, sobre uma iguaria típica da gastronomia local: o *xis*.

*Conheça um lanche que só os gaúchos têm: o xis*

**Quadro 3** – Trecho de texto retirado da página do Jornal *Diário Gaúcho*<sup>9</sup>

<sup>9</sup> <http://diariogauchoclicrbs.com.br/rs/noticia/2011/06/conheca-um-lanche-que-so-os-gauchos-tem-o-xis-3355237.html>.

Assim, no Quadro 4, temos a seguinte definição:

**Xis** – substantivo masculino, singular. 

É um sanduíche típico do estado do Rio Grande do Sul, muito parecido com o hambúrguer. Existem vários tipos de xis: de **guisado**, de bacon, vegetariano, de frango, entre outros. Além do pão e esses itens que acabamos de falar, vai tomate, alface, milho, ervilha, ovo e muitas outras coisas. Geralmente, depois que se monta o xis, colocam-o na chapa para ficar fácil de comer. A palavra xis se origina do cheeseburger.



Figura 3 – Xis

**Versão em inglês:**

**Xis**

*Xis is a sandwich that is typical of Porto Alegre and Rio Grande do Sul. It is very similar to a hamburger. There are many varieties of xis: ground beef, bacon, vegetarian, chicken, among others. It goes with tomatoes, lettuce, corn, peas, eggs and many other things. It is usually made on the griddle. The word xis comes from cheeseburger.*

**Exemplo de uso em português**

*É importante que o xis sempre tenha salada. A fibra pode ajudar a amenizar a gordura. Quanto mais evitar produtos gordurosos de origem animal, melhor. Outra sugestão é cortar as batatas fritas. Recomendável, mesmo, é comer moderadamente.*

**Quadro 4** – Exemplo de entrada de verbete no âmbito das Terminologias de Porto Alegre e Rio Grande do Sul no MOB-DIC<sup>10</sup>

No segundo exemplo, aparecem as informações de gênero e número e, novamente, o símbolo de autofalante, para o usuário aprender a pronúncia da palavra. Novamente tem-se uma remissiva: **guisado**. Esse termo é comumente conhecido como *carne moída* em outras partes do Brasil.<sup>11</sup> Aqui o comentário etimológico é apresentado dentro da definição enciclopédica. Vemos que a inclusão desse comentário nesse ponto torna a entrada menos burocrática já que a informação aparece em texto corrido. Assim como no exemplo anterior, incluímos um exemplo de uso do termo em contexto real, além de omitirmos as versões em outras línguas além do inglês.

<sup>10</sup> <http://diariogaicho.clicrbs.com.br/rs/noticia/2011/06/conheca-um-lanche-que-so-os-gauchos-tem-oxis-3355237.html>.

<sup>11</sup> Outras variantes incluem *boi ralado*, muito utilizado em Santa Catarina.

#### 4.4.3. Outros


Ao acessar o *website* do DETRAN-RS, encontramos um item que pode ser de grande utilidade para o aluno internacional: *comprovante de residência*. A data de acesso foi 12/01/2019.

*Quais são os documentos aceitos pelo DetranRS para comprovação de residência?*

**Quadro 5** – Trecho de texto retirado do portal do DETRAN-RS<sup>12</sup>

Para efetuar inúmeras atividades, tais como abrir uma conta no banco, solicitar a carteira de motorista, entre outros, faz-se necessário ter um comprovante de residência. Trata-se de um documento que prova que o solicitante desses serviços tem moradia fixa. Como exemplos de *comprovantes de residência*, tem-se a conta da luz, conta do telefone, entre outros. Como culturas diferentes podem utilizar diferentes documentos como formas de comprovar sua residência, é possível que o item tenha uma conotação bastante vaga para o aluno internacional. Assim, no Quadro 6, temos a seguinte definição:

<sup>12</sup> <https://www.detrans.rs.gov.br/comprovantes-de-residencia-aceitos-pelo-detransrs>.

**Comprovante de residência** – substantivo masculino, singular. 

*Para você solicitar vários serviços aqui na cidade, como abrir uma conta no banco ou solicitar a carteira de motorista, você precisará apresentar um endereço. Você pode usar a conta do telefone, a conta da luz ou qualquer outro documento para obter os serviços. Esses documentos são tipos de comprovantes de residência.*



**Figura 4** – Comprovante de residência

**Versão em inglês:**

***Proof of residence***

*If you want to open an account at a bank in town or apply for a driver's license, you will need to present a document to confirm where you live. You can use a telephone bill, electricity bill or any other document. These are examples of proof of residence.*

**Exemplo de uso em português:**

*Você já teve que procurar um comprovante de residência para fazer alguma inscrição ou para fazer alguma outra transação comercial? Todos nós já precisamos usar um comprovante de residência uma hora ou outra. Talvez você esteja precisando agora mesmo!*

**Quadro 6** – Exemplo de entrada de verbete no âmbito da categoria Outros no MOB-DIC<sup>13</sup>

Cabe salientar que, em se tratando de verbetes que se referem a itens concretos, a inclusão de uma imagem torna-se possível. Entretanto, se tratando de itens abstratos, não será possível a inclusão de imagens.

A seguir, apresentamos nossas conclusões acerca do artigo e perspectivas futuras.

## 5. Conclusão e perspectivas futuras

A proposta do nosso MOB-DIC, em nenhuma medida, tem a pretensão de se opor ao fato da língua inglesa ser a língua de internacionalização. Muito pelo contrário, acreditamos que o fomento às perspectivas de internacionalização do ensino superior exige uma série de esforços por parte das instituições, incluindo-se o fomento às línguas

<sup>13</sup> <https://www.mafiadomarketing.com.br/blog/comprovante-de-residencia/>.



adicionais. Contudo, entendemos que uma experiência de mobilidade mais rica envolveria, no mínimo, uma exposição mais qualificada à língua e à cultura do país de destino, o que facilitaria a vida do aluno internacional em suas ações no dia-a-dia. No caso específico de Porto Alegre, e do Brasil, como um todo, sabemos que a disponibilização de serviços em línguas além do português, é muito incipiente, já que a proficiência linguística da nossa população em línguas adicionais é muito baixa. Assim, são muito bem vindos instrumentos que facilitem e qualifiquem a experiência internacional, pelo viés da linguagem.

No que tange à metodologia de produção da obra, vemos que os potenciais de emprego da Terminografia Didático-Pedagógica vão além da construção de glossários para aprimoramento da leitura instrumental em contextos de ESP. Mais que isso: apesar do nome *Terminografia* remeter à produção de glossários, vemos que essa metodologia pode ser bastante útil na produção de dicionários, que são uma das formas de materialização da *Lexicografia*. Uma vez produzido de maneira qualificada, um dicionário com base nessa metodologia pode ir ao encontro de variadas necessidades linguísticas de aprendizes de línguas adicionais, tais como a compreensão auditiva – muitos dos termos elencados pelos aprendizes podem ser apresentados por eles através de *input* falado – e escrita – uma vez que eles internalizem os termos, eles podem fazer deles variados usos, incluindo a produção escrita – assim como alavancar outras habilidades, como a leitura e a produção oral.

Nessa linha, a ATT pode ser útil nas definições de verbetes em dicionários. Embora ela seja uma propriedade desejada para que textos – em sua maioria de divulgação científica, mas não exclusivamente – sejam melhor compreendidos por leitores com baixo letramento, vemos que pode ser utilizada em contextos em que o nível de proficiência do usuário também se apresenta como uma barreira à compreensão do texto. Assim, vemos que mesmo que o MOB-DIC seja multilíngue, as informações constantes da definição enciclopédica podem conter marcações culturais que precisam ser melhor trabalhadas para que se apresente uma definição enxuta. Daí, a nossa escolha por restringir o número de termos culturalmente marcados nas definições.

O MOB-DIC seria disponibilizado ao aluno internacional no momento de seu pré-embarque. Assim, quando do desembarque em solo gaúcho, ele estaria melhor equipado para lidar com as barreiras linguísticas que possivelmente enfrentará. O dicionário também poderá ser utilizado por estudantes em programas plenos de graduação ou pós-graduação.

Por fim, esperamos que outras iniciativas como o MOB-DIC, sirvam como modelo para a implementação de políticas linguísticas em instituições de ensino superior.

---

## Referências bibliográficas

- Anthony, L. (on line). Lawrence Anthony Website (AntConc). Disponível em: <https://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>. Data de acesso: 10 de janeiro de 2020.
- Berber Sardinha, T. (2004). *Linguística de Corpus*. Barueri-SP: Manole.
- Berber Sardinha, T. (2014). Looking at collocations in Brazilian Portuguese through the Brazilian Corpus. En Tony Berber Sardinha e Telma de Lurdes São Bento Ferreira (Org.), *Working with Portuguese Corpora* (pp. 9-32). London / New York: Bloomsbury.
- Bevilacqua, C.R.; Finatto, (2006). M. J. B. Lexicografia e Terminografia: alguns contrapontos fundamentais. *Alfa*, 50(2).
- Brasil. Portal do Ministério Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/pec-g>. Data de acesso: 14 de março de 2020.
- Bugueño Miranda, F. (2004). La etimología em el diccionario de La lengua. *Revista de Letras*, 64, 173-188.
- Dearden, J. (2014). *English as a medium of instruction – a growing global phenomenon*. London: British Council.
- Evers, A; Finatto, M. J. B.; Hercules, L. A. L. (2013). *Dicionário Colaborativo de Português para Estrangeiros – DCPE*. Salão UFRGS 2013: IX Salão de Ensino. Brasil.
- Fadanelli, S. B. (2017). *Terminografia Didático-Pedagógica: Metodologia para a Elaboração de Recursos Voltados ao Ensino de Inglês para Fins Específicos*. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, Brasil.
- Farias, V. S. (2006). La presentación del comentario semantico en los diccionarios escolares. *Revista de Letras*, 70, 183-205.
- Farias, V. S. (2009). *Desenho de um Dicionário Escolar de Língua Portuguesa*. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, Brasil.
- Finatto, M. J. B.; Stefani, M.; Evers, A.; Pasqualini, B. (2016). Vocabulário, Complexidade Textual e Compreensão de Leitura em Ambientes Digitais de Ensino: Uma Investigação Inicial com Alunos do Ensino Médio. *Texto Livre*, 9, 64-76.
- Haensch, G. (1982) Tipología de las obras lexicográficas e Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. EN: Ettinger, S. et al. *La lexicografía. De La lingüística teórica a ala lexicografía práctica*. Madrid: Gredos.
- Hartmann, R. R. K. (2001). *Teaching and researching lexicography*. London: Longman.
- Knight, J. (2008). *Higher education in turmoil: the changing world of internationalization*. Rotterdam: Sense Publishers.
- Krieger, M. G.; Finatto, M. J. B. (2004). *Introdução à Terminologia: teoria e prática*. São Paulo: Contexto.
- Landau, S. (2001). *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: CUP.
- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. (2018). *Plano Institucional de Internacionalização 2018-2022*. 16 p.
- Robson, S. (2017). Internationalization at home: internationalizing the university experience of staff and students. *Educação*, 40(3), 368-374.
- Wiegand, H. E. (1989). Der Begriff der Mikrostruktur: Geschichte, Probleme, Perspektiven. En: Hausmann, F. J. et al. *Wörterbücher, Dictionaries, Dictionnaires: Ein internationales Handbuch zur Lexikographie* (pp. 409-462). Berlin: Walter de Gruyter.